

Sobrenomes no Nordeste e suas Relações com a Heterogeneidade Étnica *

ELIANE S. AZEVÊDO**

Os sobrenomes são variáveis ricas em informações genéticas, históricas e culturais. É possível que o primeiro trabalho com aplicação de metodologia científica ao estudo de sobrenomes tenha surgido com Darwin (1875), ao analisar a adequação dos sobrenomes para estimativas da frequência de casamentos entre primos na Inglaterra. Posteriormente, Crow & Mange (1965) ampliaram a idéia de Darwin e desenvolveram o *método da isonomia*, o qual calcula a frequência de todos os tipos comuns de parentesco entre as pessoas (consangüinidade) que possuem o mesmo sobrenome. O método da isonomia tornou-se de ampla aplicabilidade em estudos de genética de população e, atualmente, não é pequeno o número de trabalhos na literatura que o utilizam.

As pesquisas que deram origem a este trabalho foram financiadas pelo CNPq diretamente e através do Programa Integrado de Genética (PIG), assim como pelo PRDCT da OEA.

** A autora pertence à Universidade Federal da Bahia.

Em 1936, Mencken (1936) chamou a atenção para o fato que nas sociedades com transmissão patrilinear de sobrenomes, estes tornaram-se análogos aos marcadores genéticos ligados ao cromossomo Y. Mais recentemente, Yasuda *et alii* (1974) demonstraram que os sobrenomes são quase tão úteis quanto os genes para estudos de população, pois comportam-se como alelos de um organismo haplóide com herança paterna, ou seja, com herança ligada ao sexo masculino. Nunesmaia (1981) demonstrou percepção mais ampla das analogias entre sobrenomes e sistema genético, identificando no conjunto dos sobrenomes os conceitos clássicos de alelos freqüentes e alelos raros, isso é, sobrenomes freqüentes ($\geq 1\%$) e sobrenomes raros ($< 1\%$). As analogias entre genes e sobrenomes também foram demonstradas quanto ao conceito de mutação (Weiss, 1980), de distância genética (*idem, ibidem*), de associação com doenças (Sorg, 1982), de associação com grupo sanguíneo ABO (Fisher *et al.*, 1939 e Mencken, 1936), de associação com isoenzimas (Azevêdo *et alii*, 1982) e de associação com com-

ponentes étnicos (Tavares-Neto *et al.*, 1977; Azevêdo, 1980; Gottlieb, 1982). Atualmente, o estudo de sobrenomes acena amplas perspectivas em genética e antropologia, conforme demonstrou a *American Association of Physical Anthropology* em seu programa para reunião de 31 de março a 2 de abril de 1982 em Eugene, Oregon, USA, ao dedicar um dia de sua programação aos trabalhos a respeito de sobrenomes.

1. Os sobrenomes no Nordeste: Genética e História

Em 1969, Azevêdo *et alii* (1969) aplicaram o método da isonomia ao estudo da população do nordeste e verificaram que os resultados obtidos eram questionáveis, sob forte suspeita de que os nomes com significado religioso não eram transmitidos de um ancestral comum, e sim adquiridos em massa. Em 1977, Tavares-Neto & Azevêdo (1977) definiram sobrenomes de conotação religiosa como nomes de "santos" (incluindo as invocações a Nossa Senhora), nomes de símbolos religiosos e nomes de cerimônias ou festividades na Igreja Católica, e estudaram sua distribuição em função do grau de mistura negroíde em uma amostra de

seis mil e duas pessoas. Foram identificados 448 tipos de sobrenomes, 50 dos quais eram de conotação religiosa. Todavia, não obstante existirem apenas 50 sobrenomes (11%) de conotação religiosa, 38% das pessoas tinham esse tipo de sobrenome. Além disso, a frequência dos sobrenomes de conotação religiosa apresentava forte associação com a proporção de mistura negroíde do grupo; quanto mais negroíde o grupo, maior verificava-se a frequência dos sobrenomes religiosos (ver tabela 1).

Curiosamente, existiam mais sobrenomes de conotação religiosa no sexo feminino do que no masculino, indicando que persistem indivíduos adquirindo sobrenomes por adoção e não por herança.

Buscando melhor interpretar a adoção preferencial de sobrenomes com conotação religiosa pelos negroídes, Tavares-Neto & Azevêdo (1977) examinaram 706 cartas de alforria do século XVIII e 3.638 do século XIX (Abreu, 1930). Em ambas as épocas a proporção de escravos alforriados e sem sobrenome era alta: 87% no século XVIII e 95% no século XIX. Aqueles que tinham sobrenome foram separados em quatro grupos,

TABELA 1
DISTRIBUIÇÃO DOS SOBRENOMES DE CONOTAÇÃO RELIGIOSA EM FUNÇÃO DO GRUPO ÉTNICO E DO SEXO EM 6002 INDIVÍDUOS DO ESTADO DA BAHIA

Tipo de Sobrenome	Sexo Etnia*	Masculino					Feminino					Total
		B	NC	MM	ME	P	B	NC	MM	ME	P	
Religiosos		25	132	316	256	154	63	233	447	360	271	
Não Religiosos		179	441	518	306	165	313	523	728	351	221	
Total		204	573	834	562	319	376	756	1175	711	492	6002
Frequência de sobrenomes religiosos.		12,2%	23,0%	37,9%	45,6%	48,3%	16,7%	30,8%	38,0%	50,6%	55,0%	
Teste de significância para etnias.		$\chi^2_4 = 277,85; p < 0,0001$					$\chi^2_4 = 173,29; p < 0,0001$					

NOTA: * B = branco, NC = mulato claro, MM = mulato médio, ME = mulato escuro, P = preto.

TABELA 2

TIPO DE SOBRENOME ADOTADO POR ESCRAVOS ALFORRIADOS NOS SÉCULOS XVIII E XIX

Tipo de Sobrenome Adotado e Identidade com o do "Senhor" (Sr.)	Séculos				Total	
	XVIII		XIX		N.º	Freq.
	N.º	Freq.	N.º	Freq.		
Não Religioso, igual ao do Sr.	17	18,48%	18	10,72%	35	13,46%
Religioso, igual ao do Sr.	5	5,43%	16	9,52%	21	8,08%
Não Religioso, diferente do Sr.	34	36,96%	34	20,24%	68	26,15%
Religioso, diferente do Sr.	36	39,13%	100	59,52%	136	52,31%
Total	92	100,00%	168	100,00%	260	100,00%

tomando-se em consideração o tipo de sobrenome do escravo e o do "seu senhor". Os resultados na tabela 2 demonstram que a maioria dos escravos alforriados adquiria sobrenome diferente daquele do "senhor" porém com inquestionável preferência por sobrenomes com conotação religiosa. Assim, Tavares-Neto e Azevêdo (1977) chegaram à seguinte conclusão do exame das cartas de alforria: ausência de sobrenome e presença de sobrenome com conotação religiosa eram dois fatos historicamente ligados aos negros e seus descendentes. Atualmente, na década dos 80, não mais encontramos pessoas sem sobrenome, porém, em 1958, na cidade do Rio de Janeiro, Junqueira & Wishart (1958) observaram que entre doadores de sangue, 5,6% dos brancos, 8,5% dos mulatos e 17,3% dos pretos não tinham sobrenome.

2. Sobrenomes de Conotação Religiosa e Ancestrais Negróides

A tabela 1 demonstra como a frequência de sobrenomes de conotação religiosa aumenta à medida que aumenta o componente negróide do grupo. Todavia, considerando que a população do nordeste já atingiu

quase 100% de miscigenação, e que não apenas os pretos têm 28% de genes de branco, mas também que os brancos têm 18% de genes de preto (Krieger *et alii*, 1965), Tavares-Neto & Azevêdo (1978) exploraram o uso de sobrenome de conotação religiosa como indicador de ancestralidade negróide entre os brancos, e verificaram que, na Bahia, doadores brancos com sobrenome de conotação religiosa têm frequência de grupo sanguíneo ABO indicativa de maior mistura negróide que brancos com outros tipos de sobrenome (ver tabela 3). Assim, no Nordeste, tanto os sobrenomes como os genes são úteis na avaliação dos fluxos internos de mistura étnica.

3. Sobrenomes Tipo Animal-Planta e Ancestrais Indígenas

Em 1980, Azevêdo (1980) aprofundou a metodologia de estudo dos sobrenomes no Nordeste, passando a classificar qualquer sobrenome em um destes três grandes grupos: *conotação religiosa, animal — planta* e outros. A idéia principal era identificar nos descendentes de índios um modo de aquisição de sobrenomes que refletisse a cultura indígena, assim como o aspecto religioso dos so-

TABELA 3

GRUPO SANGÜÍNEO ABO EM DOADORES BRANCOS DE SALVADOR COM SOBRENOME RELIGIOSO E SEM ELE

Grupos Sangüíneos	Doadores Brancos			
	Com Sobrenome Religioso		Sem Sobrenome Religioso	
	N.º	Freq.	N.º	Freq.
A	76	24,4%	370	35,0%
B	29	10,5%	115	10,9%
AB	4	1,5%	41	3,9%
O	168	60,6%	529	50,2%
Total	277	100,0%	1055	100,0%
Frequências gênicas				
A I	0,1570		0,2183	
B I	0,0616		0,0768	
O I	0,7814		0,7049	

brenomes refletia a cultura negra nos descendentes negróides. Nessa busca, constituíram-se os grupos de sobrenomes que significavam animal e que significavam planta no conceito popular. Os demais sobrenomes, isto é, aqueles que não tinham conotação religiosa nem significavam animal ou planta, foram classificados como "outros". Esperava, assim, estabelecer um paralelismo entre composição étnica (preto, índio e branco) e tipo de sobrenome (conotação religiosa, animal-planta e outros).

Dezesseis localidades, situadas no eixo leste-oeste do Estado Bahia, foram estudadas quanto à distribuição dos três tipos de sobrenome e dos sete grupos raciais segundo a classificação de Krieger *et alii* (1965). Estudaram-se 20% do total da população escolar (estadual, municipal, particular) de cada localidade e consideraram-se para análise apenas os escolares do sexo masculino ($N = 3240$) (Azevedo, 1980). Os resultados obtidos estão resumidos na tabela 4 e revelam associação significativa, não apenas entre sobrenome de conotação religiosa e an-

cestrais negróides ($p < 0,0001$), mas também entre sobrenome tipo animal-planta e ancestrais indígenas ($p < 0,0005$) e também "outros" sobrenomes e ancestrais caucasoídes ($p < 0,0001$). São notórias, na tabela 4, dentro de cada grupo racial, as semelhanças entre as frequências dos tipos de sobrenome e a proporção de mistura racial calculada por estudo de frequência gênica (frequência de sobrenomes de conotação religiosa e proporção média de genes de negro; frequência de sobrenomes tipo animal-planta e proporção média de genes de índio e frequência de "outros" sobrenomes e proporção média de genes de branco).

Recentemente, Nunesmaia (1981) na Paraíba e Pollitzer *et alii* (1982) em Jacobina, Bahia, estudaram a associação entre sobrenome e grupo étnico seguindo a classificação de sobrenomes proposta por Azevedo (1980), porém analisando, por outros métodos estatísticos, a associação com etnia. Os resultados obtidos confirmaram as associações descritas.

TABELA 4
DISTRIBUIÇÃO DE SOBRENOMES (OBSERVADA E ESPERADA) DENTRO DE CADA GRUPO
ÉTNICO E A MÉDIA DE MISTURA ÉTNICA CALCULADA POR FREQUÊNCIAS GÊNICAS

Grupo Étnico	Sobrenomes Religiosos			Média de Genes de Negro*	Sobrenomes Animal-Planta			Média de Genes de Índio	Outros Sobrenomes			Média de Genes de Branco	Total Nº Obs- ervado
	Nº Obs- ervado	%	Nº Espe- rado		Nº Obs- ervado	%	Nº Espe- rado		Nº Obs- ervado	%	Nº Espe- rado		
Índio**	5	0,119	14,12	0,277	7	0,167	4,83	0,157	30	0,714	23,01	0,565	42
Branco	199	0,208	322,03	0,176	146	0,152	110,89	0,116	614	0,640	526,32	0,708	959
Mulato Claro	242	0,320	253,50	0,316	85	0,113	86,92	0,118	428	0,567	414,32	0,566	755
Mulato Médio	266	0,369	242,11	0,400	71	0,098	83,30	0,116	384	0,533	395,71	0,484	721
Mulato Escuro	212	0,445	160,00	0,490	45	0,094	55,06	0,094	220	0,461	261,64	0,416	477
Preto	164	0,573	96,04	0,668	20	0,070	33,00	0,053	102	0,357	157,00	0,279	286
Total	1.088	0,336	1.088,00	0,301	374	0,115	374,00	0,113	1.778	0,549	1.178,00	0,586	3.240

Notas: * KRIEGER *et alii*, 1965.

** Escolares com fisionomia de Índio.

4. Historicidade dos Sobrenomes em Salvador, Itaparica e Lençóis

O estudo histórico dos sobrenomes foi desenvolvido com dois objetivos: o primeiro, de verificar a distribuição dos tipos de sobrenomes através do tempo; o segundo, de avaliar historicamente a proporção de mistura interétnica usando o tipo de sobrenome como marcador. A cidade de Salvador foi escolhida para estudo do primeiro objetivo e nas amostras incluíram-se, exclusivamente, os pretos enquanto nas localidades de Itaparica e de Lençóis não houve seleção quanto à raça, a fim de satisfazer ambos objetivos. A seleção das localidades de Itaparica e de Lençóis resultou do fato de serem ambas bastante negróides, porém com as seguintes diferenças: Itaparica é tão negróide quanto sua circunvizinhança no recôncavo, enquanto Lençóis é um isolado negróide situado à distância de 250 km do recôncavo.

Nas três localidades o estudo foi realizado através de consulta a atestados de óbitos em arquivos públicos, anotando-se o nome completo da pessoa falecida, data e grupo racial (branco, mulato e preto). Em cada localidade estudamos três períodos com intervalo de, aproximadamente, uma a uma e meia geração entre períodos. Na tabela 5 estão demonstrados os períodos e os totais de

atestados de óbito estudados por períodos e por localidade.

Para a cidade de Salvador os resultados demonstraram o seguinte:

a. no primeiro período (1890-1899), 32% dos pretos não tinham sobrenome. Entre aqueles que tinham sobrenome, 26% tinham sobrenome de conotação religiosa, porém o sobrenome Santos não foi observado.

b. no segundo período (1920-1929), a frequência de pretos sem sobrenome diminuiu para 7%, a frequência de sobrenome de conotação religiosa aumentou para 52% e o sobrenome Santos já apareceu com frequência de 8%.

c. no terceiro período (1950-1958), não mais existiam pretos sem sobrenomes; a frequência de sobrenome de conotação religiosa foi de 49% e o sobrenome Santos ocorreu em 14% das pessoas pretas (Azevêdo & Fortuna, no prelo).

Curiosamente, os resultados indicam que a forte preferência pelo sobrenome Santos entre os pretos é mais recente que a preferência geral por outros sobrenomes de conotação religiosa. Além disso, se em 1890-1899 o sobrenome Santos era praticamente inexistente em pretos de Salvador, aqueles que apareceram com esse sobrenome na

TABELA 5

ÉPOCA ESTUDADA E NÚMERO DE ATESTADOS DE ÓBITOS EXAMINADOS EM SALVADOR ITAPARICA E LENÇÓIS

LOCALIDADE					
SALVADOR		ITAPARICA		LENÇÓIS	
Época	N.º	ÉPOCA	N.º	ÉPOCA	N.º
1890 — 1899	300	1889 — 1890	300	1890 — 1907	287
1920 — 1929	300	1933 — 1937	300	1934 — 1937	303
1950 — 1959	300	1975 — 1980	298	1960 — 1969	308
TOTAL	900		898		898

TABELA 6

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS SOBRENOMES DE PESSOAS PRETAS FALECIDAS EM SALVADOR, BAHIA

Época do Falecimento	Sobrenome						Total Estudado
	Sem Sobrenome		Com Sobrenome Religioso		Com Sobrenome "Santos"		
	n.º	freq.	n.º	freq.*	n.º	freq.	
1890 — 1899	96	32,0%	53	25,9%	0	0%	300
1920 — 1929	21	7,0%	145	51,9%	22	7,9%	300
1950 — 1958	0	0%	147	49,0%	42	14,0%	300

Nota: Calculada sobre o total dos que tinham sobrenome

geração seguinte vieram de fora ou eram descendentes dos que não tinham sobrenome no período anterior. Observando que o aumento na frequência do sobrenome Santos no último período é aproximadamente igual à diminuição da frequência daqueles sem sobrenome em relação ao período anterior (ver tabela 6), concluímos que em Salvador os pretos portadores de sobrenome Santos são descendentes de um grupo de escravos que, por alguma razão, foi o mais tardio em adotar um sobrenome. É provável que essa demora reflita algumas características sócio-culturais do grupo.

As tabelas 7 e 8 mostram a reconstrução histórica do processo de mistura étnica nas localidades de Itaparica e de Lençóis, respectivamente. Observemos que, em Itaparica, há aproximadamente um século, os bran-

cos eram maioria (48%), seguidos pelos mulatos (36%), e finalmente pelos pretos (16%). Todavia, no espaço de tempo de uma e meia geração (45 anos) os mulatos tornaram-se mais numerosos. Atualmente, a proporção de mulatos é de 71%, enquanto a de brancos está reduzida a 16%. Todavia, em todos os períodos a proporção de pretos praticamente não mudou. A distribuição de frequência dos tipos de sobrenomes, dentro dos grupos raciais, demonstra as tendências históricas do sentido das misturas étnicas prevaletentes: entre os brancos, a frequência de sobrenome de conotação religiosa aumentou de 16% para 28% e para 33%, enquanto a frequência de "outros" sobrenomes diminuiu de 77% para 60% e para 54%. O que essas cifras demonstram é um considerável fluxo de indivíduos de ancestrais negróides para o grupo branco. Esse fato,

TABELA 7
EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS GRUPOS ÉTNICOS E DOS TIPOS DE SOBRENOME EM ITAPARICA, BAHIA

Grupo Étnico	Tipo de Sobrenome	Períodos					
		1889-1890		1933-1937		1975-1980	
		nº	freq.	nº	freq.	nº	freq.
Branco	Religioso	23	15,9%	19	27,9%	16	33,3%
	Animal-planta	10	6,9%	8	11,8%	6	12,5%
	Outros	112	77,2%	41	60,3%	26	54,2%
	Total	145	48,3%	68	22,7%	48	16,1%
Mulato	Religioso	48	44,0%	103	56,9%	109	51,6%
	Animal-planta	6	5,5%	6	3,3%	13	6,2%
	Outros	55	50,5%	72	39,8%	89	42,2%
	Total	109	36,4%	181	60,3%	211	70,8%
Preto	Religioso	17	36,9%	42	82,4%	26	66,7%
	Animal-planta	8	17,4%	4	7,8%	2	5,1%
	Outros	21	45,7%	5	9,8%	11	28,2%
	Total	46	15,3%	51	17,0%	39	13,1%
Total		300	100,0%	300	100,0%	298	100,0%
Frequência absoluta de sobrenomes religiosos		29,3%		54,7%		50,7%	

em si, explica a diminuição do grupo branco na ausência de migração diferencial, mas exige um crescimento diferencial de pretos e mulatos. Dois fatos favorecem a hipótese de maior crescimento populacional de pretos e mulatos: primeiro, a estabilidade da proporção de pretos em todos os períodos, ao lado de um aumento considerável na proporção de mulatos; segundo, o observado aumento absoluto na proporção de sobrenome de conotação religiosa, independentemente da raça (Azevêdo *et alii*, no prelo) (ver tabela 7). De tudo isso, concluímos que a população de Itaparica está evoluindo em direção a uma população predominantemente mulata.

Examinemos agora as tendências históricas em Lençóis (ver tabela 8). Nos períodos estudados existe uma diminuição na proporção de pretos e tendência semelhante em relação aos mulatos, enquanto os brancos aumentaram quase em dobro. Existe, também, aumento na proporção de sobrenomes de conotação religiosa entre os brancos, indicando passagem crescente de descendentes de pretos e de mulatos para o grupo branco. Todavia, a frequência abso-

luta de sobrenome de conotação religiosa vem-se mantendo constante no tempo. Desse conjunto de fatos, concluímos que a população de Lençóis está evoluindo em direção a uma população predominantemente branca.

Finalmente, concluímos que, embora Itaparica e Lençóis no momento sejam igualmente negróides, a historicidade de suas etnias (avaliadas retrospectivamente em três gerações, através do grupo racial e do tipo de sobrenome) permite inferências quanto à etnia prevalecente no futuro. Provavelmente, a interação com as populações circunvizinhas é um dos fatores determinantes do sentido da evolução étnica.

5. Distribuição Geográfica de Sobrenomes e Etnias em Sessenta Localidades do Estado da Bahia

Ao longo das 7 principais rodovias do Estado da Bahia, selecionamos 60 localidades. O critério de seleção foi apenas geográfico, mas a distância entre localidades foi depen-

TABELA 8
EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS GRUPOS ÉTNICOS E DOS TIPOS DE SOBRENOMES EM LENÇÓIS, BAHIA

Grupo Étnico	Tipo do Sobrenome	Períodos					
		1890-1907		1934-1937		1960-1967	
		nº	freq.	nº	freq.	nº	freq.
Branco	Religioso	5	10,4%	13	24,0%	24	25,3%
	Animal-planta	12	25,0%	5	9,3%	15	15,8%
	Outros	31	64,6%	36	66,7%	56	58,9%
	Total	48	16,7%	54	17,8%	95	30,9%
Mulato	Religioso	76	43,9%	80	38,5%	69	41,3%
	Animal-planta	19	11,0%	29	13,9%	20	12,0%
	Outros	78	45,1%	99	47,6%	78	46,7%
	Total	173	60,3%	208	68,7%	167	54,2%
Preto	Religioso	24	36,4%	21	51,2%	21	45,7%
	Animal-planta	7	10,6%	4	9,8%	2	4,3%
	Outros	35	53,0%	16	39,0%	23	50,0%
	Total	66	23,1%	41	13,5%	46	14,9%
Total		287	100,0%	303	100,0%	308	100,0%
Frequência absoluta de sobrenomes religiosos		36,6%		37,6%		37,0%	

dente da densidade das mesmas: quanto maior a densidade, mais curta a distância entre localidades selecionadas. O método de estudo de sobrenomes e etnias foi o mesmo descrito para as 16 localidades já referidas no presente trabalho. Para evitar tendenciosidades, a classificação racial dos escolares foi anotada antes de se perguntar o nome e sobrenome.

Na análise dos resultados obtidos inicialmente em 16 localidades, observamos que Cachoeira e São Félix surgiam como prováveis centros de dispersão de pretos (escravos), confirmando as observações de Abreu (1930) que se referia a Cachoeira como a pedra fundamental dos caminhos primitivos.

Para cada uma das 60 localidades calculamos os seguintes parâmetros:

- índice fenotípico negróide (IFN) obtido pelo quociente (mulato médio + mulato escuro + preto) / (total);
- índice cultural negróide (ICN), frequência de sobrenome de conotação religiosa;
- índice cultural indígena (ICI), frequência de sobrenome tipo animal-planta;

d. frequência isolada do sobrenome Santos;

e. distância (km) de Cachoeira — São Félix.

Devido à grande amplitude de variação das distâncias, de zero a mais de seiscentos quilômetros, usamos sua transformação em raiz quadrada. Para análise consideramos apenas os escolares do sexo masculino ($n = 12872$). A regressão entre IFN e distância de Cachoeira — São Félix revelou significativa associação inversa: quanto mais distante de Cachoeira — São Félix, menor a proporção de etnia negra ($r = 0,76$; $t_{58} = 8,25$; $p < 0,0001$) (ver figura 1). Resultados semelhantes foram obtidos para ICN e distância: quanto mais distante de Cachoeira — São Félix, menor a frequência de sobrenome de conotação religiosa ($r = 0,39$; $t_{58} = 3,18$; $p < 0,01$). Independentemente da distância, IFN e ICN estão fortemente associados ($r = 0,51$; $t_{58} = 4,47$; $p < 0,0001$) como era previsto (ver figura 2).

A frequência isolada do sobrenome Santos está significativamente associada com o IFN:

isto é, quanto maior o índice fenotípico negróide de uma localidade, mais alta a frequência do sobrenome Santos ($r = 0,28$; $t_{58} = 2,25$; $p < 0,05$). Todavia, não existe efeito geográfico (distância) na frequência do sobrenome Santos.

Figura 1

EFEITO DA DISTÂNCIA DE CACHOEIRA-SÃO FÉLIX NO ÍNDICE FENOTÍPICO NEGRÓIDE (quanto mais distante a localidade menor o componente negróide; cada ponto no gráfico representa uma localidade).

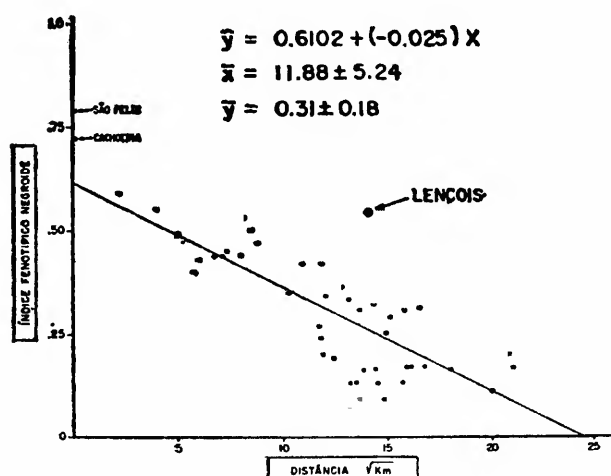
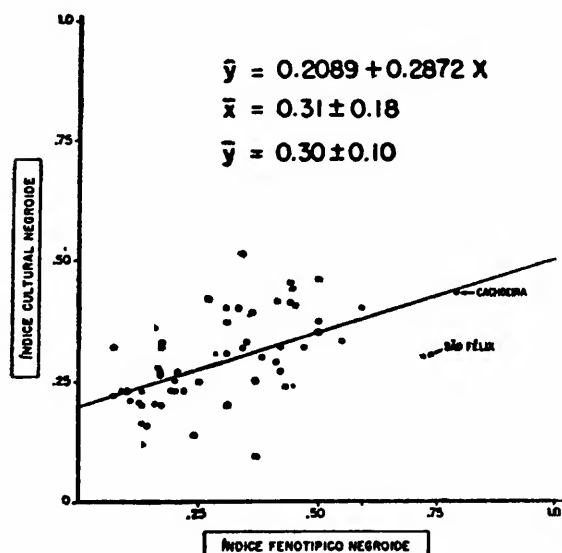


Figura 2

ASSOCIAÇÃO ENTRE O ÍNDICE FENOTÍPICO NEGRÓIDE E O ÍNDICE CULTURAL NEGRÓIDE EM 60 LOCALIDADES (quanto maior o componente negróide do local, maior a frequência de sobrenomes de conotação religiosa).



Finalmente, construímos um mapa étnico do Estado da Bahia, representando cada localidade por suas características étnicas predominantes. Procedemos do seguinte modo: dividimos a amplitude de variação de cada índice em 3 partes iguais e as designamos de *baixo*, *médio* e *alto*, correspondendo à primeira, segunda e terceira partes, respectivamente. As características étnicas predominantes em cada localidade foram definidas pela combinação dos níveis de seus três índices: a presença de pelo menos um índice negróide alto, fosse fenotípico ou cultural, era suficiente para caracterizar a localidade como predominantemente preta; IFN médio associado a ICN e ICI médio ou baixo caracteriza a localidade como predominantemente miscigenada; qualquer localidade com ICI alto, ou localidades com ICI médio, porém associado a IFN e ICN baixos, era considerada como predominantemente indígena; as localidades restantes, isto é, todas aquelas com baixo IFN associado a baixo ou médio ICN e ICI, eram consideradas predominantemente brancas (ver tabela 9).

Figura 3

MAPEAMENTO ÉTNICO DO ESTADO DA BAHIA, NO QUAL CADA LOCALIDADE É REPRESENTADA SEGUNDO SUA CARACTERÍSTICA ÉTNICA PREDOMINANTE EM FUNÇÃO DOS NÍVEIS DOS ÍNDICES (fenotípico negróide, cultural negróide e cultural indígena).

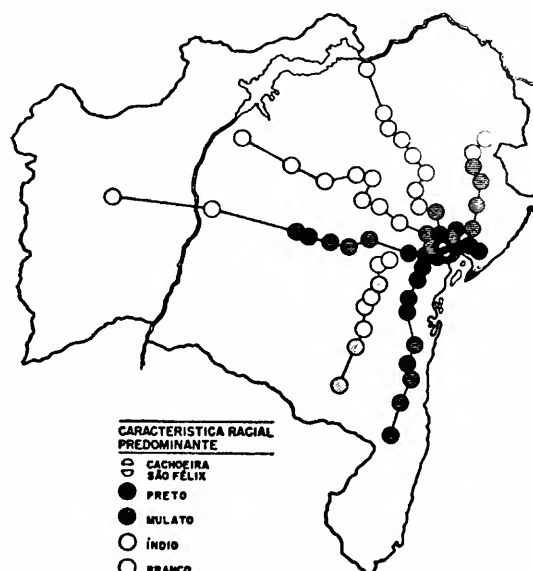


TABELA 9

NOME DA LOCALIDADE, DISTÂNCIA EM KM DE CACHOEIRA-SÃO FÉLIX, NÍVEIS DOS ÍNDICES FENOTÍPICO NEGRÓIDE (IFN), CULTURAL NEGRÓIDE (ICN) E CULTURAL INDÍGENA (ICI), SEGUIDOS DA CARACTERÍSTICA ÉTNICA PREDOMINANTE EM CADA LOCALIDADE

Localidade	Distância de Cachoeira-S. Félix (KM)	IFN	ICN	ICI	Característica Étnica Predominante			
					Preta	Miscigenada	Indígena	Branca
São Félix	0	0,79	0,43	0,10	AAB			
Cachoeira	0	0,72	0,30	0,12	AMB			
Muritiba	5	0,59	0,40	0,07	AMB			
Gov. Mangabeira	8	0,47	0,32	0,10		MMB		
Santo Amaro	16	0,69	0,40	0,11	AMB			
São Gonçalo	16	0,60	0,22	0,16	AMM			
Cruz das Almas	16	0,55	0,33	0,13	AMM			
Conceição do Jacuipê	34	0,42	0,27	0,11		MMB		
Santo Estevão	36	0,43	0,24	0,13		MMM		
São Sebastião Passô	46	0,50	0,46	0,09	MAB			
Coração de Maria	46	0,44	0,45	0,11	MAB			
Castro Alves	50	0,44	0,44	0,10	MAB			
Santo Antonio da Jesus	54	0,45	0,41	0,09	MAB			
Tanquinho	66	0,53	0,27	0,24		MMM		
Alagoinhas	72	0,50	0,37	0,13		MMM		
Laje	78	0,47	0,59	0,06	MAB			
Milagres	96	0,21	0,27	0,08				BMB
Ipirã	96	0,14	0,16	0,15			BBM	
Riachão Jacuipê	96	0,43	0,33	0,26			MMB	
Inhambuque	106	0,35	0,33	0,10		MMB		
Teolandia	118	0,42	0,42	0,04	MAB			
Valente	120	0,13	0,16	0,31			BBA	
Nova Itarana	121	0,17	0,33	0,06				BMB
Gandu	136	0,27	0,42	0,04	MAB			
Irajuba	139	0,24	0,14	0,31			BBA	
Itaberaba	140	0,42	0,28	0,13		MMM		
Baixa Grande	142	0,20	0,23	0,12				BMB
Olindina	146	0,33	0,30	0,14		MMM		
Santa Luz	148	0,07	0,16	0,32				BMM
Itiruçu	155	0,19	0,23	0,10				BMB
Cipó	163	0,31	0,40	0,07		MMB		
Lafaiete Coutinho	172	0,07	0,22	0,11				BMB
Boa Vista Tupim	172	0,33	0,40	0,15		MMM		
Mundo Novo	174	0,13	0,20	0,15			BBM	
Serrolândia	180	0,13	0,23	0,19				BMM
Queimadas	184	0,08	0,23	0,16				BMM
Ubaitaba	184	0,31	0,37	0,08		MMB		
Ribeira do Pombo	192	0,16	0,36	0,13				BMM
Ibiquera	205	0,32	0,09	0,13		MMB		
Manoel Vitorino	209	0,17	0,26	0,14				BMM
Miguel Calmon	210	0,13	0,12	0,15			BBM	
Cícero Dantas	220	0,09	0,32	0,20				BMM
Itiuba	222	0,25	0,25	0,12				BMB
Itajuípe	228	0,21	0,51	0,12	MAB			
Poções	247	0,13	0,20	0,17			BBM	
Bucarema	251	0,31	0,31	0,16		MMM		
Morro do Chapéu	254	0,17	0,27	0,17				BMB
Lençóis	256	0,57	0,29	0,10	AMB			
Senhor do Bonfim	260	0,17	0,20	0,14			BBM	
Palmeiras	271	0,31	0,20	0,17		MMB		
Jaguarari	278	0,17	0,32	0,13				BMM
Camaçã	306	0,36	0,38	0,17		MMM		
Itambé	326	0,16	0,20	0,16			BBM	
Irecê	330	0,08	0,17	0,12				BBB
Joazeiro	370	0,22	0,23	0,12				BMB
Itagimirim	372	0,32	0,25	0,18		MMM		
Xique-Xique	432	0,20	0,25	0,14				BMM
Ibotirama	442	0,17	0,27	0,13				BMM
Barreiras	626	0,11	0,21	0,14				BMM

OBS.: a. Índice Fenotípico Negróide (IFN) Índice Cultural Negróide (ICN) Índice Cultural Indígena (ICI)

Baixo (B) = 0 - 0,26 Baixo (B) = 0 - 0,20 Baixo (B) = 0 - 0,12

Médio (M) = 0,27 - 0,53 Médio (M) = 0,21 - 0,40 Médio (M) = 0,13 - 0,24

Alto (A) = 0,54 - 0,79 Alto (A) = 0,41 - 0,60 Alto (A) = 0,25 - 0,35

b. As combinações dos níveis expressas em B, M, A para identificação da característica étnica predominante nas localidades, referem-se aos IFN, ICN e ICI respectivamente.

O mapeamento étnico, com a representação de cada localidade pela sua etnia predominante, é apresentado na figura 3.

6. Influências do Poder Econômico

Inicialmente, interesses econômicos levaram ao descobrimento do Brasil e à importação de escravos africanos. Em seguida, a distribuição e fixação dos grupos étnicos parentais também resultaram de forças econômicas: deu-se a conquista da terra, ao custo da devastação e morte dos índios, deixando a Bahia de Todos os Santos e o recôncavo praticamente despovoados de seus primitivos habitantes (Santos, 1948); o uso produtivo do solo do recôncavo, com o plantio da cana-de-açúcar e do fumo, exigiu a imensa força de trabalho de milhares de escravos negros; a descoberta de ouro no interior da Bahia, em princípios do século XVIII, transformou Lençóis em grande centro de poder e riqueza às custas do trabalho dos escravos mineiros. Desse modo, o desenvolvimento da economia baiana, no passado, absorveu cerca de um milhão de escravos, o que representa um quarto do total de escravos que vieram para o Brasil (Boxer, 1969; Calógeras, 1972. Pang, 1979; Viana Filho, 1976).

Salvador era o principal porto de entrada de escravos no Brasil. Através da Baía de Todos os Santos, os escravos eram transportados em pequenas embarcações que entravam pelos rios até os engenhos. Cada engenho dispunha de embarcações próprias, 4 em média, para garantir a comunicação com Salvador (Bruno, 1967). No século XVI a Bahia possuía 36 engenhos (Peixoto, 1947), mas em 1875 esse número chegou a 890 (Pang, 1979).

A expansão do cultivo do fumo não é tão fácil de quantificar quanto a da cana-de-açúcar. Todavia, pelo fato de a Bahia produzir, em larga escala, fumo de terceira qualidade, o qual não tinha aceitação na Europa, a Coroa Portuguesa assinou decreto no ano de

1644 dando à Bahia permissão especial para comerciar diretamente com a África, levando fumo e trazendo escravos (Verger, 1936). Todos os outros portos do Brasil teriam de obedecer à rota triangular oficial: Brasil, Portugal, África.

Mais recentemente, a partir do início do século XIX, as plantações de cacau começaram a atrair forte contingente negróide para o Sul do Estado (Andrade, 1973). De tudo isso, conclui-se que de um modo geral foram os eventos econômicos que não apenas determinaram o número de escravos trazidos para a Bahia, mas também controlaram a sua distribuição interna, além de "deslocarem" as populações indígenas. Hoje, o mapa étnico do Estado da Bahia, demonstrado no presente trabalho, mantém perfeita coerência com a história econômica das regiões.

7 O Papel da Cultura na Adoção de Sobrenomes

As línguas africanas e indígenas praticamente desapareceram com a colonização. A língua portuguesa foi sempre mantida como a única língua oficial, enriquecida com vocábulos de origem africana e indígena. Em relação aos sobrenomes, quase não existem sobrenomes africanos ou indígenas mesmo nos respectivos descendentes étnicos. Todavia, no processo de escolha de um sobrenome (português) para adoção, os pretos projetavam seus valores culturais no significado do sobrenome escolhido. A preferência dos pretos por sobrenomes com significado religioso é compreensível pelas suas fortes tradições religiosas, pelo seu rigoroso cumprimento às devoções específicas, acrescidas do fato que tanto os "santos" portugueses como os africanos eram invocados com poderes específicos sobre as atividades humanas (Bastide, 1960; Ribeiro, 1956). Desse modo, a adoção preferencial de sobrenomes com conotação religiosa pelos pretos no nordeste tem fundamentos transculturais, está ligada à cultura religiosa africana e tornou-se um indicador étnico.

Os escolares classificados como "índios" no presente estudo vivem socialmente como os demais colegas e geralmente desconhecem seus ancestrais indígenas. Todavia, por causa de suas características físicas, o pesquisador identifica sua origem (remota) indígena. A distribuição de sobrenomes entre esses escolares (cara de índio) revela tradições culturais diferentes daquelas dos pretos (Azevêdo, 1980). Infelizmente, pouco ficou documentado sobre os valores culturais dos índios, exceto aquilo que sobreviveu por seleção (Barroso, 1930). Ramos estudou os aspectos sócio-culturais dos nomes na tribo Sanumá, no extremo norte do Brasil. Em geral, os Sanumás têm dois tipos de nomes: um nome genealógico, herdado através do pai, e um nome pessoal. Existem várias maneiras de escolher o nome pessoal, porém a mais importante é através de uma caça ritual feita pelo pai da criança. Esta, adquirirá não apenas o nome do animal morto, mas também seu espírito. Se, por alguma razão, a caça ritual não for realizada, a criança receberá um nome inspirado em suas características pessoais, em fenômenos que ocorreram durante o nascimento, ou ainda um nome genealógico personificado ou um nome técnico. Aproximadamente 50% dos Sanumás têm nomes de animais derivados da caça ou de características pessoais da criança. O encontro de maior frequência de sobrenomes tipo animal-plantas entre os escolares "índios" no presente estudo, favorece a hipótese de preferência geral para tais tipos de sobrenomes entre os descendentes de índios no Brasil (Azevêdo, 1980).

Para concluir, a melhor lição que podemos tirar de todos esses resultados é que em uma população formada da mistura de três etnias, o poder das tradições culturais permanece, mesmo quando as características físicas mudam. Por isto, nós concluímos que a verdadeira identidade do homem está muito mais nos valores culturais, que nutrem o espírito, que nos genes que fazem pele e cabelo.

Nota de Agradecimento

Os resultados apresentados no presente artigo resultaram do trabalho de várias pessoas ligadas ao Laboratório de Genética Médica e da boa vontade de outras tantas. Seria desafiante tentar agradecer nominalmente a todos sem correr o risco de omissões injustas. Em cada localidade citada na tabela 9 foram inúmeras as pessoas que tornaram nosso trabalho possível, além da boa vontade dos próprios escolares e professoras. Da equipe que desenvolveu o projeto, em seus múltiplos aspectos, destacamos a colaboração de Cristina M. M. Fortuna, Katia M.C. Silva, Maria das Graças F. Sousa, Maria Auxiliadora Machado, Ângela M.V.M.D. Lima, Maria E. Aguiar, Kiyoko Abé, Maria Conceição M.N. Eulálio, Maria Mendes Conceição, Maria Christina B.O. Silva, Maria das Graças Santos, Rosemary D. S. Carvalho, Vanilson Souza, Lúcia Regina Ribeiro, Deynia Bispo da Costa, Theomário Pinto da Costa, Wigberto Cunha Azevêdo, Maria Edmar Torres Silva, William S. Pollitzer, Aloísio Lisboa Mota, Antonio Figueiredo, Eliane Oliveira, Izaias, Lélia Maria, Maria de Fátima, Lêda Lustosa N. Andrade, Paulo Galvão.

Referências Bibliográficas

- ABREU, J. C. *Caminhos antigos e o povoamento do Brasil*. Livraria Briguier, 1930.
- ANDRADE, M.C. *A terra e o homem no nordeste*. São Paulo, Brasiliense, 1973.
- AZEVEDO, E.S. The anthropological and cultural meaning of family names in Bahia, Brazil. *Curr. Anthropol.* 21: 360-363, 1980.
- AZEVEDO, E. S., MORTON, N.E., MIKI, C. & YEE, S. Distance and kinship in northeastern Brazil. *Am. J. Hum. Genet.* 21: 1-22, 1969.

- AZEVEDO, E.S., SILVA, K.M.C., SILVA, M. C. B.O., LIMA, A.M.V. M.D., FORTUNA, C.M.M. & SANTOS, M.G. Genetic and anthropological studies in the Island of Itaparica, Bahia, Brazil. *Hum. Hered.* USA. (in press).
- AZEVEDO, E.S., COSTA, T.P. & SILVA, M.C. B.O. Alcohol dehydrogenase (ADH₃) polymorphism and family names in Amazon, Brazil. *Am Ass. Phys. Anthropol.* meeting, March 31st — April 2nd, 1982, Eugene, Oregon USA.
- AZEVEDO, E.S. & FORTUNA, C.M.M. The reconstruction of cultural history and racial admixture from the meaning of family names in Bahia, Brazil. *Quad. di Semant.* Holanda (in press).
- BARROSO, G. *Mythes contes et légendes des Indiens: Folk-lore Brésilien.* Paris, Librairie des Amateurs, 1930.
- BASTIDE, R. *Les religions africaines en Brésil.* Paris, Presses Universitaires de France, 1960.
- BOXER, C.R. *The Portuguese Seaborn Empire 1415-1815.* Harmonds-worth, Middlesex, England, Penguin Books Ltd., 1969.
- BRUNO, E.S. *História do Brasil. Geral e Regional. 3-Bahia.* São Paulo, Cultrix, 1967.
- CALÓGERAS, J.P. *Formação histórica do Brasil.* 7.a ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1972.
- CROW, J.F. & MANGE, A.P. Measurements of inbreeding from frequency of marriage between persons of the same surname. *Eugenics Quarterly.* 12: 199-203, 1965.
- DARWIN, G. Marriages between first cousins in England and their effects. *Journ. Stat. Soc.* 38: 153-184, 1875.
- FISHER, R.A. & VAUGHAN, J. Surnames and blood-groups. *Nature.* 144: 1047-1048, 1939.
- GOTTLIEB, K. Spanish surname as a marker of Mexican heritage in Denver, Colorado. *Am J. Phys. Anthropol.* meeting, March 31st — April 2nd, 1982, Eugene, Oregon, USA.
- JUNQUEIRA, P.C. & WISHART, P.J. Distribuição dos grupos sanguíneos ABO em brancos, mulatos e pretos do Rio de Janeiro de acordo com a presença ou ausência de sobrenome. *Rev. Clin. São Paulo,* 34: 79-83, 1958.
- KRIEGER, H., MORTON, N.E., MI, M.P., AZEVEDO, E.S., FREIRE-MAIA, A. & YASUDA, N. Racial admixture in northeastern Brazil. *Ann. Human Genet.* London, 29: 113-125, 1965.
- MENCKEN, H.L. *The American Language.* New York, Knopf. 1936.
- NUNESMAIA, H. G. Integração de sistemas de informação genética em nível molecular, antropofísico e cultural em escolares de João Pessoa, Paraíba. Tese de Doutorado em Genética apresentada à USP. 1981.
- PANG, E-O. *O Engenho Central de Bom Jardim na economia baiana.* Arq. Nac. Inst. Geog. Hist. Rio de Janeiro, 1979.
- PEIXOTO, A. *Livro de Horas.* Rio de Janeiro, Agir, 1947.
- POLLITZER, W.S., AZEVEDO, E.S., BAREFOOT, J., LIMA, A.M.V.M.D., CARVALHO, R.D.S., SANTOS, M.G. & EULALIO, M.C.M.N. Characteristics of a population sample from Jacobina, Bahia, Brazil. *Hum Biol.* USA 1982.

- RAMOS, A.R. Nomes pessoais e classificação social na sociedade Sanumá. *Rev. Atual. Índig.* 13: 23-32, 1978.
- RIBEIRO, R. Religião e relações raciais. Min. Educ. Cult. Rio de Janeiro, 1956.
- SANTOS, M.A. O povoamento da Bahia. Suas causas econômicas. Imp. ofic. da Bahia. Salvador, 1948.
- SORG, M.H. Isonomy and diabetes prevalence in the island population of Vinalhaven, Maine. *Am J. Phys. Anthropol.* meeting, March 31st — April 2nd, 1982, Eugene, Oregon, USA.
- TAVARES-NETO, J. & AZEVEDO, E.S. Racial origin and historical aspects of family names in Bahia, Brazil. *Um. Biol.* 49: 287-299, 1977.
- TAVARES-NETO, J. & AZEVEDO, E.S. Family names and ABO blood group frequencies in a mixed population of Bahia, Brazil. *Hum Biol.* 50: 361-367, 1978.
- VERGER, P. *Trade relations between the Bight of Benin and Bahia from the 17th to 19th century.* Ibadan, Ibadan University Press, 1976.
- VIANA FILHO, L. *O Negro na Bahia.* São Paulo, Martins, 1976.
- WEISS, V. Inbreeding and genetic distance between hierarchically structured populations measured by surname frequencies. *Mank. Quart.* 21 (2): 135-49, 1980.
- WEISS, V., CHAKRABORTY, R., BUCHANAN, A., & SCHWARTZ, R. Mutations in names: implications for assessing identity by descent from historical genealogies. *Am J. Phys. Anthropol.* meeting, March 31st — April 2nd, 1982, Eugene, Oregon, USA.
- YASUDA, N., CAVALLI-SFORZA, L. L. SKOLNICK, M., & MORONI, A. The evolution and extinction. *Theor. Pop. Biol.* 5: 123-42, 1974.